



1970 . EUA . 116'

realização

Robert Altman

argumento

Ring Lardner Jr.

fotografia

Harold E. Stine

montagem

Danford B. Greene

com

Donald Sutherland

Elliot Gould

Tom Skerritt

Sally Kellerman

Robert Duvall

> Pelo tema, podemos arrumar “M.A.S.H.” no género “filme de guerra”. Mas muito dificilmente. Quando pensamos em títulos deste género específico, será com alguma hesitação que o colocamos ao lado de outras obras como “Apocalypse Now”, “The Deer Hunter”, “Full Metal Jacket” ou “Schindler’s List”, para dar exemplos clássicos. Não que a guerra não seja assunto do filme – é-o, e fundamental. Acontece simplesmente que aqui estamos do outro lado da guerra. E é apenas a espaços que a constatamos. Neste filme, não é o tema, mas antes o modo, o aspecto determinante. Realizado por Robert Altman e estreado em 1970, em plena guerra do Vietname, é o lado anti-belicista que se impõe. O género (e as suas convenções) é como que subvertido e, não abdicando do drama, é na comédia e na sátira que assenta a singularidade do filme. Rir com a guerra? Rir da guerra? Sim, de alguma forma. Resumidamente, o filme narra o quotidiano da unidade MASH (Mobile Army Surgical Hospital) 4077, seus episódios e peripécias. É um filme de grupo, de diversas personagens, mas com os seus contrastes e dramas pessoais bem marcados. Começa com a chegada dos cirurgiões Hawkeye e Duke e acaba com a sua desmobilização. O pano de fundo é a guerra da Coreia (conflito que inspirou o livro em que se baseia o filme). Mas o que parecemos estar sempre a ver é a guerra do Vietname. O próprio Altman é, a esse respeito, bastante claro quando assume um intento deliberado: ocultar todas as referências ao conflito dos anos 50, de modo a construir uma alegoria onde se pudesse decifrar as contradições e dificuldades da guerra então a acontecer e cada vez mais criticada. Nesse sentido, são impagáveis a irreverência perante a disciplina militar que atravessa todo o filme e a atmosfera de doce loucura que é criada. É uma história fantástica: pelo seu humanismo, pelo seu delírio.

O filme haveria de ser nomeado para cinco Óscares (entre os quais o de melhor filme e realização) e, curiosamente, arrebataria o de melhor argumento. Curiosamente, não porque o filme não seja, em termos narrativos, de um grande valor, mas antes pelo facto de o guião escrito por Ring Lardner Jr. ter sofrido durante a fase de produção e realização inúmeras e substanciais alterações resultantes da

estratégia de improvisação adoptada por Altman. Esse reconhecimento institucional vem juntar-se ao sucesso de crítica e de público. Um sucesso inesperado para todos, mas que asseguraria a descendência artística e comercial do filme num outro suporte: a televisão. Até 1983, a série com o mesmo nome haveria de se afirmar como um dos grandes eventos da história do pequeno ecrã.

Para a peculiaridade e irreverência desta obra, muito há-de ter contribuído o período específico da história do cinema americano em que surgiu: é o momento de transição entre o caduco sistema dos estúdios e a ascensão do que se tornou comum designar por Nova Hollywood. É um momento de crise em que a necessidade de novas ideias justifica o risco, em que os jovens autores gozam de uma rara liberdade, em que só a irreverência artística parece assegurar a revitalização da produção cinematográfica. Daí resultaria uma época fundamental, do ponto de vista criativo e comercial, da história do cinema americano. No fim da década anterior, alguns sinais de mudança se anunciavam já: “Bonnie and Clyde”, de Arthur Penn (1967), “Midnight Cowboy”, de John Schlesinger (1969) ou “The Wild Bunch”, de Sam Peckinpah (1969), também eles, como “M.A.S.H.”, assumiam o desafio nítido às convenções de género. Os anos 70 haveriam de ser a década de afirmação de Scorsese, Coppola, Spielberg ou Lucas. E em 1980 descia a cortina sobre este espectáculo de renovação geral quando o fracasso de “Heaven’s Gate”, de Michael Cimino, se torna o pretexto para os executivos dos estúdios reassumirem o controlo das produções.

Para “M.A.S.H.”, a irreverência (fica o registo: a acreditar no testemunho de Donald Sutherland, ficamos a saber que este é o primeiro filme onde se ouve a palavra “fuck”) e a paródia (a cena da “última ceia” é inesquecível) haveriam de assegurar um lugar único entre os filmes de culto. Visto hoje, não perdeu pertinência, não perdeu estilo (aqueles zooms...), não perdeu a graça. Para os melómanos ficou uma preciosidade: “Suicide is painless”. <

*{ Programação da responsabilidade de Luís Nogueira }

exibição

27 | maio | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}